

Albert Nolan

JESUS HOJE

Uma espiritualidade de liberdade radical

Prefácio de
Marcelo Rebelo de Sousa

Winner 2007 Catholic Press Association Award



Sobre o livro

Na sua obra clássica, *Jesus before Christianity* (*Jesus antes do Cristianismo*), Albert Nolan pôs em destaque o contexto político da missão de Jesus. Agora, nesta sequência há tanto esperada, foca-se na espiritualidade de Jesus e na sua importância para nós hoje. Depois de analisar os sinais dos tempos, Nolan sublinha os elementos da espiritualidade de Jesus, mostrando como é que essas lições poderão promover uma maior comunhão com Deus e com toda a sua criação.

Aprendendo a conhecer-se a si próprio

Segundo o *Evangelho de Tomé*, Jesus teria dito: «Quem conhece tudo, mas não se conhece a si próprio, não conhece nada» (67). Trata-se de uma afirmação impressionante, que não poderia ser mais radical nem definitiva.

Todos os místicos, autores espirituais, psicólogos, filósofos e conselheiros reconhecem a importância fundamental do autoconhecimento. O psicólogo Neville Symington, por exemplo, refere-se ao autoconhecimento como «a pedra angular da saúde mental»¹. Afirmo Teresa de Ávila que «um dia de humilde autoconhecimento é melhor do que mil dias de oração», e Mestre Eckhart afirma, sem rodeios: «Ninguém pode conhecer a Deus sem antes se conhecer a si próprio»². Diz Jesus que, se não nos conhecemos a nós mesmos, *não conhecemos nada*.

Jesus era um poeta e um artista que comunicava com as pessoas pintando quadros mentais. Assim, Ele referia-se ao ridículo de não nos conhecermos a nós mesmos pintando um quadro de alguém que pretendia tirar o argueiro do olho do seu próximo, mas ignorava a trave enorme que o cegava. É uma espécie de anedota, uma caricatura. Deveria ser algo completamente ridículo, como a referência igualmente humorística de um camelo a tentar

¹ NEVILLE SYMINGTON, *A Pattern of Madness*, Londres, Karnac, 2002, 190.

² MESTRE ECKHART, *Meister Eckhart: Sermons and Treatises*, 3 vols., ed. e trad. Maurice O'C. Walshe, Shaftesbury, Element Books, 1979, #46, 20. Todas as referências subsequentes aos sermões de Eckhart aparecerão como *Eckhart*, seguido do número do sermão (#) e da respectiva página.

passar pelo buraco de uma agulha. Com uma trave tão grande no olho, *não se consegue ver nada*.

Citamos, em seguida, o texto completo:

«Por que reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não reparas na trave que está na tua própria vista? Como podes dizer ao teu irmão: “Irmão, deixa-me tirar o argueiro da tua vista”, tu que não vês a trave que está na tua? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás para tirar o argueiro da vista do teu irmão» (Lc 6,41-42).

Jesus vai ao âmago da questão. É fácil ver que as outras pessoas têm falhas, mas muitas vezes não somos suficientemente honestos para reconhecer a falha ou a enorme trave de madeira que nos impede de ver. Jesus chama a isso hipocrisia.

HIPOCRISIA

Não havia nada que desagradasse mais a Jesus do que a hipocrisia. Ele amava as pessoas, mas ficava furioso frente a qualquer manifestação de hipocrisia, sobretudo nos líderes religiosos do seu tempo. «Hipócritas!», exclama Ele uma e outra vez. Este desafio não visava apenas os escribas e fariseus. A espiritualidade de Jesus desafia-nos, a todos, a olhar para nós e a reconhecer a nossa própria hipocrisia, a trave nos nossos olhos.

Ser hipócrita é fingir que somos aquilo que não somos, apresentar uma falsa imagem de nós mesmos ao mundo. Tem a ver com a falsidade da nossa vida, com as mentiras e contradições em que vivemos. Tem a ver com a nossa falta de honestidade e sinceridade, com a nossa cegueira. Se eu penso que não sou cego e que não há trave nenhuma no *meu* olho, então sou duplamente cego, cego frente à minha própria cegueira (cf. Jo 9,39-41).

Jesus põe-nos de sobreaviso contra a ostentação das nossas virtudes frente ao mundo, como aqueles que rezam, jejuam e dão

esmola em público a fim de serem notados e admirados pelos outros (Mt 6,1-18). Estes são hipócritas. Com que facilidade nos tornamos sepulcros branqueados (Mt 23,27). Com que facilidade as palavras da nossa boca contradizem aquilo que está no nosso coração (Mc 7,5-6). Até que ponto o nosso comportamento é exibicionista, visando apenas a nossa boa reputação ou imagem? Jesus não hesitaria em chamar a isso hipocrisia.

Segundo Jesus, os que dizem que não conseguem ler os sinais dos tempos mas que sabem ler perfeitamente os sinais de como vai estar o tempo no dia seguinte, são hipócritas (Lc 12,56). Quando gastamos o nosso tempo a analisar a *performance* das nossas acções no mercado, mas ignoramos as duras realidades do nosso tempo, estamos a ser hipócritas. Quando tentamos apañhar alguém em flagrante com uma pergunta inteligente, embora fingindo estar realmente interessados na resposta, então estamos a ser hipócritas, como aqueles que fizeram a Jesus uma pergunta capciosa acerca do pagamento dos impostos (Mc 12,15). Além disso, também somos hipócritas quando criticamos as outras pessoas por fazerem as mesmas coisas que nós fazemos, como aqueles que criticavam Jesus por curar ao shabat, ao passo que eles «infringiam» o shabat soltando o seu boi ou o seu burro para levá-lo a beber água (Lc 13,15).

O que está em questão aqui é a honestidade e a verdade. A hipocrisia é uma mentira gritante, uma contradição. Jesus era verdadeiro, honesto, sincero e completamente transparente. Por isso o seu olhar era límpido e Ele conseguia detectar as mentiras e a falsidade do mundo que o rodeava. Por isso podia endireitar o mundo, mostrando-nos o *verdadeiro* mundo. O fermento ou levedura dos fariseus era a hipocrisia e as mentiras (Lc 12,1). O fermento do Reino de Deus, que Jesus estava a propagar, era a verdade e a honestidade (Lc 13,20-21 e paral.).

Nesta época, em que um dos sinais do nosso tempo é a crise

de individualismo e a explosão de egoísmo, aprender a saber quem somos realmente é uma questão da máxima urgência. A fome de espiritualidade nunca poderá ser saciada se continuar a ser individualista e centrada na própria pessoa. Hoje em dia, nós sabemos tantas coisas acerca de tudo, desde as estrelas até aos átomos. Até sabemos muito mais acerca do cérebro e da psique humana. Na maior parte dos casos, porém, não nos conhecemos a nós próprios. Continuamos a não ter perspectiva, imaginando que estamos separados do resto do universo e que somos superiores a todos os outros seres. Demasiadas vezes, como indivíduos, permanecemos cegos frente às nossas próprias motivações, aos nossos racionalismos, à nossa hipocrisia e à realidade do nosso verdadeiro eu. Como resultado disso, podemos dizer, num sentido muito profundo, que não sabemos absolutamente nada.

Como poderemos então aprender, com toda a honestidade, a enfrentar a verdade acerca de nós próprios?

O EGO

A trave nos nossos olhos é o nosso ego, o nosso eu egoísta. Aquilo que nos cega para a verdade acerca de nós próprios e dos outros é o nosso ego. Aquilo que nos cega para a verdade acerca do nosso ego é o nosso próprio ego. O nosso ego faz de todos nós uns hipócritas.

Embora cada um de nós tenha um ego de estrutura ligeiramente diferente, há várias formas de classificar os vários tipos gerais de personalidade. Uma delas é através do eneagrama. Os nove tipos-enea indicam várias compulsões e obsessões e diversas formas de egocentrismo. O eneagrama também descreve detalhadamente os pontos dos vários tipos de personalidade. Nos últimos tempos, muitos milhares de pessoas aprenderam a conhecer

os seus padrões de comportamento através de livros e cursos sobre o eneagrama³.

O princípio do autoconhecimento, portanto, é a autoconsciência crescente do nosso ego e de como ele funciona. Sem nos julgarmos, acusarmos ou desculparmos a nós mesmos, devemos dar início à prática de observar o nosso comportamento em diversas circunstâncias e de reconhecer as nossas compulsões e obsessões. Devemos começar a enfrentar com o máximo de verdade possível as nossas motivações, incluindo as nossas motivações ocultas e as nossas motivações contraditórias. Por vezes o nosso comportamento poderá revelar-se irracional. Olhando sinceramente para nós próprios, poderemos descobrir que somos quase todos, pelo menos ligeiramente, neuróticos. Para alguns de nós, as nossas obsessões poderão tornar-se gravemente neuróticas. É aí que precisaremos da ajuda de alguém: de um psicólogo ou psicoterapeuta.

À medida que prosseguirmos com este processo de auto-aprendizagem de nós próprios – que dura toda a vida –, notaremos que temos uma vasta gama de *imagens* de nós mesmos. Algumas serão as imagens que projectamos junto das outras pessoas ou que estas têm de nós. Algumas dessas imagens serão verdadeiras e outras falsas. Às vezes poderemos saber que esta ou aquela imagem não é verdadeira. Outras vezes, poderemos acreditar nas nossas próprias mentiras e identificar-nos com uma imagem completamente falsa daquilo que somos.

Sob este aspecto, poderá ser útil observar o nosso ego em acção, tentando-nos para que nos entreguemos a sentimentos de

³ Outra forma de classificar diversos tipos de personalidade é o método de Myers-Briggs. O leitor que deseje explorar os egos de estrutura diferente do eneagrama poderá ler SANDRA MAITRI, *The Spiritual Dimension of the Enneagram: Nine Faces of the Soul*, Nova Iorque, Penguin Putnam, 2000, ou A. H. ALMAAS, *Facets of Unity: The Enneagram of Holy Ideas*, Berkeley (CA), Diamond Books, 1998.

orgulho e superioridade, ou de rebaixamento e inferioridade, de autojustificação ou autocompaixão. Tudo isto são falsas imagens, todas elas centradas na própria pessoa e hipócritas, não correspondendo ao nosso verdadeiro eu.

O ego é malandro e astucioso. Tenta ocultar-nos aquilo que habitualmente anda a fazer. Por vezes, o ego está tão convencido da sua superioridade, que não sente necessidade de gloriar-se dela publicamente. Assume então uma postura de falsa modéstia⁴. «Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens.» Chegamos assim à máxima contradição e hipocrisia: orgulharmo-nos da nossa humildade.

Seria útil termos um conselheiro ou um «espelho» humano, alguém que nos possa ajudar a ver a trave nos nossos olhos. Além de recorrermos à perícia de um terapeuta ou de um conselheiro, sempre que isso for necessário e possível, a simples observação paciente e honesta durante um longo período de tempo, e sobretudo durante os períodos de silêncio e solidão, poderá dar origem a revelações extraordinárias acerca da própria pessoa.

O COMPLEXO DE CULPA

À medida que formos descobrindo como somos egoístas e hipócritas, poderemos sentir a tentação de nos envergonharmos de ser assim, e até de ficarmos com um certo complexo de culpa. Ao descobrirmos as motivações ocultas ou as motivações contraditórias subjacentes a algumas das nossas relações mais importantes, das nossas maiores realizações e dos nossos ideais mais elevados,

⁴ A astúcia do ego é maravilhosamente descrita por Dag Hammarskjöld nos seus diários, como DOROTHEE SOELLE refere no seu livro *The Silent Cry: Mysticism and Resistance*, [Minneapolis, Augsburg Fortress, 2001], 225-226.

podemos começar a perder a esperança de alguma vez nos tornarmos verdadeiramente altruístas e cheios de amor.

Muitas pessoas sofrem de um debilitante complexo de culpa. É uma das atitudes mais irracionais e contraditórias do ego. Há aqueles que se odeiam a si próprios, culpando-se por tudo o que corre mal na sua vida. Um número surpreendente de mulheres culpam-se a si mesmas por terem sido violadas ou assaltadas. As crianças que sofreram abusos sexuais pensam muitas vezes que a culpa foi delas.

Uma fonte destes sentimentos de culpa é o superego. O superego são todos os «deveres» que nos enchem a cabeça. É a voz interior que nos incita a fazer isto e a evitar aquilo. Algumas pessoas confundem o seu superego com a voz da consciência ou com a voz de Deus. Trata-se, de facto, do nosso condicionamento cultural, social ou religioso que actua como um ego acima do nosso próprio ego: um superego. Aprendermos a conhecer-nos a nós mesmos incluirá uma consciência crescente dos nossos sentimentos de culpa, do nosso condicionamento social e do nosso superego.

Existem, evidentemente, genuínos sentimentos de culpa e uma verdadeira voz da consciência, mas isso são manifestações do nosso verdadeiro eu, como veremos adiante. É importante recordar, constantemente, que o ego não é o nosso verdadeiro eu. O nosso eu centrado em si próprio é uma falsa imagem daquilo que nós somos. Tem por base a ilusão de que somos seres completamente separados, independentes e autónomos.

A CARNE

O apóstolo Paulo estava terrivelmente consciente daquilo a que nós hoje chamamos o ego, embora ele lhe chamasse a carne (*sarx*). Isso deu azo a muitas deturpações, pois esta palavra evoca

imagens que remetem para o desejo sexual, os excessos (ou vícios) e a gula⁵. No entanto, quando Paulo enumera as obras da carne, inclui inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, provocações e concorrência (Gl 5,19-21.26), que nós deveríamos descrever como as obras do ego. Os desejos a que Paulo se refere, como fornicações, impurezas e bebedeiras, também são obras do ego, não por serem desejos, mas por serem egoístas e levarem à falta de moderação.

Não há nada de errado com os nossos desejos enquanto tais, com qualquer um dos nossos desejos. O uso que o ego faz deles para objectivos egoístas é que cria problemas. Os nossos desejos foram-nos dados como dons, permitindo-nos viver a vida em plenitude. Os nossos desejos de sexo, de amor, de alimento e bebida, de conforto, de paz e de unidade são deturpados e distorcidos pelo nosso mesquinho egocentrismo. Era isso que Paulo chamava carne.

Paulo, como a maior parte de nós, travava um verdadeiro combate contra tudo isso, como vemos em Romanos 7,14-24. Ele experimentava o seu ego como mais uma lei existente dentro de si, que o levava a fazer aquilo que ele não queria. Por isso, conclui: «Ora, se o que eu não quero é que faço, então já não sou eu [o seu verdadeiro eu] que o realizo, mas o pecado [o seu ego] que habita em mim» (v. 20). Aquilo a que Paulo chama a sua carne, ou o pecado nele, devíamos nós chamar ego. Isto identifica claramente o problema mais como egoísmo do que como desejo. Durante séculos, os ascetas bem-intencionados crucificavam os seus desejos pensando que o desejo era a carne a desviá-los do bom caminho.

⁵ Os tradutores ingleses da Bíblia encontram grande dificuldade na tradução da palavra *sarx* com o sentido que Paulo lhe dá. A *Good News* tradu-la por «natureza humana», a NIV por «natureza pecadora», a NEB por «natureza inferior», a *Bíblia Americana* por «desejos físicos» e a NJB por «abandono aos vícios». A NRSV retoma o termo «a carne».

Aprender a conhecermo-nos a nós mesmos, hoje, inclui aprendermos a reconhecer os nossos desejos por aquilo que eles são, entrar em contacto com os nossos sentimentos e emoções, como o amor, a compaixão, a tristeza, a depressão, o medo, a ira, o ressentimento e a frustração. Precisamos de tomar consciência do nosso humor variável e da possibilidade de termos feridas provenientes de acontecimentos passados. Como sabemos actualmente, não serve de nada tentarmos suprimir os nossos sentimentos, desejos e emoções. Eles não são nossos inimigos. O mais importante é não deixarmos que os nossos egos os utilizem mal, com objectivos egoístas.

Também não basta limitarmo-nos a observar os nossos sentimentos. Por vezes temos de *senti-los*. Henri Nouwen, autor espiritual moderno, transmite-nos uma ideia muito inspirada sobre como lidar com os nossos sentimentos de mágoa e ferida, ao afirmar:

O grande desafio é viver a fundo as nossas feridas, em vez de pensarmos nelas a fundo. É preferível chorar do que ficarmos preocupados, é preferível sentir profundamente as próprias feridas do que compreendê-las, é preferível deixar que elas penetrem no nosso silêncio do que conversar acerca delas.

A distinção que temos de fazer constantemente é se estamos a fazer as nossas feridas subir à cabeça ou descer ao coração. Na cabeça, podemos analisá-las... Contudo, não é provável que alguma cura final possa provir dessa fonte. Temos de deixar que as nossas feridas desçam até ao nosso coração. Depois poderemos vivê-las a fundo, descobrindo que elas não nos destroem. O coração é maior do que as próprias feridas⁶.

Não é preciso sentirmo-nos esmagados por tudo isto. O que importa é começar a descobrir o nosso *próprio eu*, ou aquilo a que Nouwen chama o nosso coração.

⁶ HENRI NOUWEN, *The Inner Voice of Love: A Journey Through Anguish to Freedom*, Nova Iorque, Doubleday, 1996, 91 [tr. portuguesa A Voz Íntima do Amor, Lisboa, Paulinas, 2000].

O VERDADEIRO EU

Não há nenhuma forma que nos permita conquistar de uma vez por todas o nosso ego ou aniquilá-lo, como muitos ascetas tentaram fazer. Tais esforços só servem para fortalecê-lo, pois é o ego que empreende o combate ou a conquista. É impossível destruí-lo, mas podemos evitar o seu domínio, transcendendo-o. Podemos retirar a trave do nosso próprio olho.

A imagem que Jesus atribui ao nosso verdadeiro eu é um olhar límpido, um olhar sem uma trave ou qualquer outra coisa a obstruí-lo. «Tira a trave da tua vista e, então, verás...» (Lc 6,42). «A candeia do teu corpo são os teus olhos. Se os teus olhos estiverem sãos, todo o teu corpo estará iluminado; mas se estiverem em mau estado, o teu corpo estará em trevas» (Lc 11,34). O nosso verdadeiro eu está enterrado por baixo do nosso ego ou falso eu, por baixo da nossa trave.

Mas como remover a trave? Como evitar que o nosso ego nos domine? Como deixar de ser egoístas e egocêntricos?

O primeiro passo será tomar plena consciência do nosso ego com todas as suas maquinações e duplicidade. A aparente autoconfiança do nosso ego mascara a realidade dos seus medos, ansiedades, preocupações e insegurança. O passo seguinte será reconhecê-lo como uma falsa imagem daquilo que somos, como uma ilusão. O passo final será dissociar-nos dele: recuar um pouco, afastando-nos do nosso egocentrismo, e rirmo-nos «na sua cara». Depois de termos transformado esta falsa imagem de nós num objecto independente, poderemos deixar de nos identificar com ele. Segundo as palavras utilizadas por algumas tradições espirituais, passamos a ser «testemunhas» que olham para essa falsa imagem e a rejeitam. Esse não sou eu, eu sou a testemunha. A testemunha é o meu verdadeiro eu.

Vimos Jesus a fazer isso no deserto. Ele recusou-se a identifi-

car-se com as falsas imagens de si próprio que lhe foram apresentadas por Satanás, o malandro astucioso que representava o seu ego. As falsas imagens tomam a forma de tentação (Mt 4,1-11 e paral.).

Para a maior parte de nós, são necessários vários anos de silenciosa reflexão para chegarmos a isso. Voltamos continuamente a identificar-nos com o nosso ego. Somos tentados a agir ou a pensar de forma egoísta, e caímos por causa disso. Quando reconhecemos aquilo que fizemos, podemos parar, rir de nós próprios e regressar à posição de testemunha. Este processo é muito semelhante à prática da meditação baseada num *mantra*. Distraímo-nos vezes sem conta, mas voltamos sempre calmamente ao nosso *mantra*. De qualquer forma, não devemos sentir-nos culpados nem devemos acusar-nos dos nossos lapsos. Estes fazem parte do processo.

Ao mesmo tempo, começaremos a notar os sinais do nosso verdadeiro eu. Quando começamos a sentir um forte desejo de conhecer a verdade acerca de nós mesmos, por muito humilhante que essa verdade possa revelar-se, isso é o nosso verdadeiro eu a emergir. Quando conseguimos rir das manias do nosso ego, é o nosso verdadeiro eu que está a rir. Quando nos sentimos genuinamente movidos por sentimentos de compaixão para com as pessoas necessitadas, esse é o nosso verdadeiro eu. Quando começamos a sentir uma grande gratidão pelos inúmeros dons que a vida nos oferece, podemos ter a certeza de que isso não provém do nosso ego. O ego é completamente incapaz de sentir gratidão.

Os sentimentos genuínos de mágoa e arrependimento, quando reconhecemos a nossa responsabilidade e culpa pessoais pelo mal infligido a alguém, são mais uma manifestação do verdadeiro eu. Haverá ainda outros sinais, como veremos nos capítulos subsequentes.

É importante recordar que nós não podemos aprender a

conhecer-nos a nós mesmos mediante a simples leitura de algumas obras sobre o comportamento humano. Precisamos de períodos de solidão e silêncio para aprofundar as nossas reflexões e, embora possamos precisar da ajuda de outros, acabará por ser durante o nosso tempo de silêncio que conseguiremos tirar a trave dos nossos olhos e recuperar da nossa longa noite de cegueira, começando a ver o mundo como Jesus o via: na sua posição correcta.



Albert Nolan nasceu na Cidade do Cabo (África do Sul) em 1934. Ingressou na Ordem dos Dominicanos em 1954, e estudou em Roma, onde obteve o seu doutoramento. Teólogo de renome, autor de diversas obras, desempenhou um papel significativo na luta contra o *apartheid*. Em 2003, foi agraciado com a Ordem Luthuli, concedida pelo governo sul-africano devido à sua luta em prol da democracia e dos direitos humanos. Tornou-se famoso com o seu primeiro livro *Jesus Before Christianity*, traduzido em mais de oito línguas.

Título original JESUS TODAY – A SPIRITUALITY OF RADICAL FREEDOM
© 2006, Orbis Books, Marynoll,
Nova Iorque 10545 – USA

Tradução Maria do Rosário Pernas

Capa Departamento Gráfico Paulinas

Pré-impressão Paulinas Editora – Prior Velho

Impressão e acabamentos Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda

ISBN 978-972-751-943-9

(Edição original 978-1-57075-672-6)

© Outubro 2008, Inst. Miss. Filhas de São Paulo
Rua Francisco Salgado Zenha, 11
2685-332 Prior Velho
Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649
e-mail: editora@paulinas.pt
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

HISTÓRIA & PROFECIA

Paulo – Um Homem Inquieto, Um Apóstolo Insuperável

JEROME MURPHY-O'CONNOR

A evolução intelectual, emocional e religiosa de Paulo, vista no contexto da história pessoal, da missão, do pensamento teológico e das suas viagens.

Jesus e Paulo – Vidas Paralelas

JEROME MURPHY-O'CONNOR

Uma comparação incisiva, que inclui, e vai para lá das Escrituras, para sugerir novos caminhos de descoberta no estudo das vidas de Jesus e de Paulo.

Nas Pegadas de Paulo

PETER WALKER

Apresentação cativante, documentada com mapas, fotos e muitas informações dos lugares percorridos por Paulo e o contexto em que nasceram as Igrejas por ele fundadas.

Compreender a Bíblia

MIKE BEAUMONT

Um guia integral, prático e acessível, que permite ter uma visão global da história da Bíblia.

Nas Pegadas de Jesus

PETER WALKER

Belíssimas imagens, mapas, notas históricas e geográficas, fazem reviver visualmente o mundo da Bíblia, em particular, desde o tempo de Jesus até aos nossos dias.